

ANO XXXI N 01 JANEIRO DE 2014

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C./RM/33/2002 | taxa perçue | tassa riscossa Roma



*70º aniversário
da Obra*
**Portadores
da luz**

**Comunidades
locais**
Todos
em ação

**Bispos
de várias Igrejas**
Chamados à
unidade

7 de dezembro de 1943 • 7 de dezembro de 2013



«Naquele» Sim

Chiara contou várias vezes como foi o seu “sim”. Há dez anos, na celebração do 60º aniversário do Movimento, convidou-nos a ir «para o mundo, que anseia que sejamos Evangelhos vivos, para o poder mergulhar na Sua Luz».

que se seguiu, em pouco tempo, de muitos outros “sim” de jovens, raparigas e rapazes.

Aquele dia fala, portanto, de luz e de doação de criaturas a Deus, como instrumentos nas suas mãos, para realizar os seus objetivos.

Luz e doação da própria vida a Deus, duas palavras extremamente úteis naquele período de desorientação geral, de ódio recíproco, de guerra. Tempo de trevas, em que Deus parecia não estar presente no mundo com o seu amor, com a sua paz, com a sua alegria, com a sua orientação e parecia que ninguém se interessasse por Ele.

Luz e doação da própria vida a Deus, duas palavras que também hoje o Céu nos quer repetir, quando sobre o nosso planeta se prolongam muitas guerras e ainda mais assustador do que tudo, surgiu o terrorismo.

Luz que significa Verbo, Palavra, Evangelho ainda tão pouco conhecido e tão pouco vivido. Doações a Deus, hoje mais do que nunca necessárias e oportunas visto que, pelas causas que inspiram o terrorismo, há homens e mulheres que estão prontos a dar a vida. Qual deve ser, então, a nossa atitude de cristãos que seguimos um Deus que foi crucificado e abandonado, para que nasça um mundo novo, para a nossa salvação e para alcançar a Vida que não tem ocaso?

Hoje, temos consciência de que estamos diante de uma Obra nova que não existia há 60 anos. Uma Obra que vimos nascer, crescer, desenvolver-se em toda a Terra.

E agora, passados tantos anos, podemos perceber o significado daquele dia 7 de dezembro de 1943, ano do nascimento do nosso Movimento. É a prova de que um carisma vindo do Espírito Santo, uma nova luz, desceu naqueles dias, sobre a Terra. Uma luz que, no pensamento de Deus, deveria saciar a sede, a aridez deste mundo com a água da Sabedoria, aquecê-lo com o amor divino e assim dar vida a um povo novo, alimentado pelo Evangelho. Isto em primeiro lugar.

E, porque Deus é concreto no seu agir, assegurou o primeiro “tijolo” para o edifício: esta Obra que viria a ser útil para esse objectivo. E lembrou-se de chamar-me a mim, uma rapariga qualquer. Daqui a minha consagração a Ele, o meu “sim” a Deus,



Chiara é sempre de todos

No dia em que a Obra completou 70 anos, uma surpresa:
o anúncio de um «novo caminho» para Chiara

Mais de 1400 focolarinas e focolarinos de várias partes do mundo estavam no encontro anual em Castelgandolfo. No dia 7 de dezembro a Emmaus esteve com eles. Na sacralidade daquele momento, tinha um anúncio importante a transmitir: a emine-nente apresentação ao bispo de Frascati, D. Raffaello Martinelli, do pedido formal de abertura da causa de canonização de Chiara Lubich.

É um costume na Igreja católica apresentar aos próprios fiéis, como um estímulo de vida cristã, figuras de pessoas que se destacaram por um testemunho especial de fé e de amor a Deus. Isto acontece depois de um processo canônico de estudos, que se inicia pelo menos cinco anos depois da sua morte.

«Nestes anos – afirma o Giancarlo – de todas as partes do mundo, de todos os âmbitos religiosos e não religiosos, chegaram

e continuam a chegar testemunhos sobre Chiara. Pode-se dizer que deste modo se exprime a *vox populi*».

Esto ato – continua a Emmaus – convida todos nós a empenhar-nos em viver «esta santidade dia após dia na nossa vida, para contribuir para fazer emergir aquela santidade coletiva, santidade de povo, que Chiara aspirava».



O documento de requisição assinado perante 1400 focolarinos e focolarinas, em Castel Gandolfo.

Este reconhecimento poderá encorajar muitas pessoas a um maior empenho espiritual e moral para o bem da humanidade.

Caríssimos, durante este mês, pensemos no que nos recorda o 60º aniversário do nosso Movimento e vamos para o mundo, que anseia que sejamos Evangelhos vivos, para o poder mergulhar na Luz de Deus.

Podemos fazê-lo continuando a viver a palavra de vida, tirada da Escritura, proposta mês após mês (...).

Esquecê-la seria despir-se, aos poucos, do Evangelho que cobre o nosso povo.

E quase como se nascêssemos de novo, demo-nos totalmente a Deus segundo o modo

escolhido por Ele para cada um de nós. Deste modo, o presente e o futuro que Deus nos der tornar-se-ão do Seu agrado, como os 60 anos do nosso Movimento o foram no passado.

Vamos em frente e Bom Natal a todos, mantendo no coração os tesouros recebidos no dia 7 de Dezembro.

Chiara

Tirado da coferência telefónica – Castel Gandolfo, 11 de dezembro 2003 – publicado no “Em unidade em direção ao Pai”, Città Nuova, Roma, agosto 2004 – e transmitido na conferência telefónica do dia 30 de novembro de 2013

7 de dezembro 1943 • 7 de dezembro 2013

O paradoxo da história

***Acreditámos no amor,
um contributo para
os 70 anos da Obra***



percorreram, com as suas vidas, os primeiros seis-sete anos da vida do Movimento. Chiara Lubich é a indiscutível protagonista, mencionada na história de cada um dos narradores.

Através dos gestos de cores vivas que animam as vivências daqueles primeiros, percebe-se uma beleza variegada que se compõe e se articula segundo uma harmonia que dá sentido à vida: é uma fé reacendida. O livro é cativante pela variedade dos personagens e, no seu conjunto, mostra como a ação de Deus na História se manifesta também através do agir humano. O caminho de cada protagonista revela uma forte carga de liberdade e coragem. No fim permanece um grande sentido de gratidão para com cada um deles.

O livro pode ser lido sob vários aspectos, porque cada história, ao combinar-se com as outras, define uma cronologia e deixa perceber uma obra de Deus, que nasce num determinado momento da história da Itália e da Europa.

As experiências são também explicações e demonstrações da natureza de um carisma numa época importante

7 de dezembro de 2013. A Obra completa setenta anos de vida. No livro *Acreditámos no amor* de Tanino Minuta – editado pela Città Nuova – vemos os inícios do Movimento com a intenção de pôr em evidência a novidade revolucionária que o Carisma representou na Igreja e na sociedade de hoje. Falamos disso com o Autor.

Não é a primeira vez que se conta a história dos primeiros tempos. Qual é a novidade ?

«É o coro polifónico das primeiras e dos primeiros focolarinos (não todas e todos) que



da Igreja. O modo de viver do grupo é a verdadeira novidade: pessoas completamente diferentes que começam a movimentar-se segundo uma invisível «Presença», o Ressuscitado no meio das pessoas.

Há também um aspecto didático. A história de cada protagonista explica como pôr em prática a Palavra, mostrando os encorajantes frutos disso. Observando a vida daquele primeiro grupo de focolarinas, empenhado em pôr em prática o Evangelho em cada circunstância, compreende-se a afirmação de S. Gregório Magno que, falando do relacionar-se do leitor com as escrituras, afirmava que «As palavras divinas crescem juntamente com quem as lê».

Os protagonistas contam em primeira pessoa o nascimento da Obra... Existem trechos inéditos?

«As primeiras e os primeiros focolarinos falaram tanto, que vai ser um grande trabalho reunir tudo aquilo que disseram. Servi-me especialmente das suas biografias. Mas também usei partes de discursos quando eram mais incisivos. De inédito há uma fábula de Chiara que, na sua simplicidade, é uma metáfora potente do Movimento dos Focolares em perspectiva escatológica».

Aos jovens e a quem conhece a Obra hoje e não viveu «os primeiros tempos» o que é que este trabalho pode dar?

«Nestas páginas esconde-se um paradoxo: falando do passado mostram a radiografia do futuro, é uma sinalização profética. Até agora escreveu-se sobre-

tudo de Chiara e da fecundidade extraordinária da sua vida. Mas existe uma experiência provocada pela sua pessoa, que é a vida do grupo das primeiras focolarinas. Chiara soube despertar nas suas primeiras companheiras uma visão iluminada da vida, de tal forma

que a vida destas raparigas mudou radicalmente e começaram a agir e a viver segundo um estilo guiado pela caridade, em perfeita harmonia com cada próximo e com toda a Criação. Este livro que, como diz o título, é uma declaração de fé, quereria ser uma tímida sugestão de se pôr a ouvir um coro. É uma polifonia que tem a força poderosa da verdade que, apesar de usar tons diferentes, diz uma única palavra: Amor. Penso também que a sua actualidade não está só na recordação do «sim» de Chiara a Deus, mas no hoje da Obra por ela iniciada. Maria Voce, a nova Presidente, convida o Movimento inteiro a um «regresso às origens». O trabalho com estas páginas preparou-me para compreender a direcção deste «regresso».

A experiência das primeiras focolarinas e dos primeiros focolarinos permanece um modelo, uma meta que, para ser atingida, tem necessidade de ser continuamente iluminada pela radicalidade daqueles tempos».

por Elena Cardinali

*ver também La Novità di un sì antico, Città Nuova
revista nº22/2013, pág.8*



Nascidos daquele «sim»

No ano do 70º aniversário recordam-se outros “inícios”, que são frutos do primeiro “sim” de Chiara

À volta de Chiara, das primeiras e dos primeiros focolarinos, a vida começou a palpitar numa comunidade e a difundir-se. Já nos anos 50, o Movimento conheceu uma considerável expansão, ultrapassando os confins de Itália, da Europa ocidental e entrando nos Países da Europa de Leste.

Em 1958 chegou à América Latina; em 1960 também à América do Norte. Mais tarde é a vez da África (1963), da Ásia (1966), da Austrália (1967). Cada ano pode assinalar o aniversário de “um novo início”. Em 2013, na França celebrou-se o 60º aniversário. Em África foi a vez do 50º, assim como na Grã-Bretanha, em Liverpool. Mas há também os 15 anos do focolar em Cuba e o 20º aniversário do Centro Mariápolis do Chile...

Na Universidade da Esperança de Liverpool

400 pessoas de várias Igrejas, crenças religiosas e de convicções não religiosas, para dar continuidade à “inspiração de Chiara”

Não podíamos deixar de partilhar a alegria deste aniversário com o professor Gerald John Pillay, vice chanceler da Universidade Esperança, de Liverpool. Foi de facto ele que, no dia 5 de janeiro de 2008, conferiu a Chiara o último doutoramento h.c., em Teologia. Feliz por nos encontrar, recordou-nos logo: “Chiara disse-nos para colaborarmos e devemos continuá-lo mesmo quando nós já não estivermos no ativo”. Com magnanimidade, pôs à nossa disposição uma sala do Ateneu e ofereceu-nos o grande jantar comemorativo.

As pessoas da comunidade fizeram de tudo para não esquecer ninguém.

No dia 26 de outubro vieram 400 pessoas, de todas as idades, de várias Igrejas, crenças religiosas e de convicções não religiosas, vindas de Liverpool, Leeds, Newcastle e Galles.

Em 1965, quando Chiara falou na Catedral anglicana de Liverpool, o contexto ecuménico era muito diferente do atual. “Rua da Esperança” é o nome da rua que liga a catedral anglicana à catedral católica e, naquele dia – 17 de novembro -, Chiara, fazendo uma observação sobre o significado disto, no seu diário, exprimiu uma oração: que através da fé, as “montanhas” da incompreensão entre as Igrejas se possam remover.

E hope (esperança) é ainda a palavra de hoje. No seu discurso, o professor Pillay, traçando os fortes laços entre a Universidade Esperança e o carisma dos Focolares, identificou-os no nosso empenho ecuménico: “É uma característica da Universidade, da qual estamos todos agradecidos... Chiara Lubich acreditou que o diálogo é o caminho de

privilégio para promover a unidade da Igreja, entre as religiões e as pessoas sem uma referência religiosa, sem sincretismo. [...] É uma abertura para com





«Festa» em Paris

São muitos os eventos previstos para celebrar este aniversário, que se concluem no início de junho de 2014, no Instituto católico de Paris

A abertura da celebração foi de 9 a 11 de novembro em Athis-Mons, na região de Essonne. Estavam cerca de mil pessoas, entre membros internos e simpatizantes dos Focolares. Festejaram os 60 anos da presença do Movimento dos Focolares em França. Grandes e pequenos vieram de muitas cidades, felizes por se encontrarem ou de se descobrirem irmãos, mesmo se talvez se vissem pela primeira vez.

Alguns dos pioneiros e protagonistas do desenvolvimento da Obra nesta nação, vieram do estrangeiro, de propósito.

Percorreram-se as várias etapas destes 60 anos: desde as primeiras viagens para lá dos

todas as pessoas, que permanecem fieis à própria identidade. É esta a sabedoria profunda da sua visão”.

Era tangível a presença de Jesus no meio de uma comunidade viva, expressa também através do coro, cujos componentes eram dos oito aos 83 anos de idade. Foi uma grande alegria ouvir os testemunhos de duas focolarinas, Mari Ponticaccia e Maria Egger, pela fidelidade, frescura e entusiasmo, agora como quando iniciaram há 50 anos.

*Corre Ruse e Mark D’Arcy
Com a comunidade de Liverpool*

alpes, de alguns focolarinos e focolarinas italianos, até aos recentes desenvolvimentos de realidades específicas do Movimento, como a Economia de Comunhão, o diálogo inter-religioso, o empenho social e político. . .

Foram fortes os momentos em que se recordaram as visitas de Chiara: de janeiro de 1959, quando deu a Paris o nome de “cidade da festa” - pela experiência que tinha feito, naque-



les dias, com Jesus Abandonado -, até ao ano de 1996, para a entrega do “Prémio Unesco pela Educação para a Paz”.

A Emmaus esteve presente com uma mensagem em que convidou a “difundir a vida do Evangelho.[...] e a levar, com o vosso amor recíproco, a presença de Deus, única resposta válida para as expectativas e problemas da sociedade”.

Gwenaelle Delalande e Henri-Louis Roche, os delegados da zona, puseram ao corrente sobre os momentos principais do recente encontro dos Delegados no Centro, delineando desafios e perspectivas da Obra hoje. Num clima forte e solene, tendo como base a Palavra de Vida de novembro “Perdoai-vos uns aos outros assim como Deus vos perdoou em Cristo”, um momento “jubilar” de reconciliação sigilou de novo

o pacto do amor recíproco entre todos.

Um membro do conselho da Nunciatura e alguns responsáveis de Movimentos (Claire Amitié, Fondacio, Pax Christi, Sant'Egidio, Vivre et aimer. . .) manifestaram a amizade que os liga aos Focolares.

Como conclusão dos três dias, uma celebração eucarística, de alegria e festa, presidida por D. Michel Dubost, bispo de Evry Corbeil-Essonnes, que conheceu Chiara pessoalmente.

Priscille Garet, Monu Kennis

«Atraídos pelo mistério» na África

No quinquagésimo aniversário da chegada do Movimento dos Focolares a África, um conto fascinante, dos primórdios, feito por uma testemunha excepcional



Nunca me esquecerei da primeira vez que, em Fontem, há mais de trinta anos, ouvi o Lucio Dal Soglio contar o início da sua aventura africana. Aconteceu em Roma, na rua Libia, onde trabalhava com outros focolarinos no Consultório «Lucas». Numa certa manhã de outono, Chiara Lubich e o pe. Foresi foram lá. Queriam falar com ele e com Nicásio Triolo, pediatra de Trapani. «Na vossa opinião – perguntou o pe. Foresi – é mais importante pôr a funcionar bem este consultório ou abrir uma nova frente?». Lucio não hesitou em responder que optava pela segunda hipótese. «Não esperávamos outra coisa – comentou ele. E perguntaram-nos: “Vocês estão prontos para partir para a África?”». Eram os primeiros dias de outubro de 1962. Alguns meses depois, no dia 11 de fevereiro do ano seguinte, desembarcámos nos Camarões, eu e o Danilo Gioacchin, veterinário.

Com o título «Atraídos pelo mistério», no início dos Focolares em África, saiu na coluna X da *Città Nuova*, no passado mês de outubro,

o volume escrito por Lucio, que reúne as suas memórias dos primeiros tempos nos Camarões, num período que vai desde 1963 a 1983. Não se trata de uma narração meramente histórica, apesar de ser documentada com muito cuidado, e muito menos da crónica de uma sucessão de factos mais ou menos sugestivos. Estamos perante um conto fascinante com um toque de poesia e também de mística: uma verdadeira experiência de Deus, completamente mergulhada nas realidades criadas e nas vicissitudes da existência – não fácil – como podia ser a vida em África, há cinquenta anos. Experiência que nos leva à sublime e concreta realidade do mistério da encarnação do Verbo.

Na interrogação diária sobre o que nos rodeia, num comportamento de honesto e desarmado respeito por uma cultura, até então completamente estranha, e pela sua gente, narra-nos, de um modo fascinante, o desenrolar de múltiplos acontecimentos, no arco de vinte anos.

Espanto, incertezas, descobertas e percepção aguda dos limites perante o mistério, mas sobretudo uma abertura incondicionada aos planos daquele Deus que transformaria tudo num estuando canto de amor que, paralelamente à fundação do Movimento e à irradiação do Ideal da unidade, percorre o continente negro.

É do grande poeta da Martinica, Aimé Césaire, a frase «Um povo sem memória é um povo sem futuro». Por isso, *Atraídos pelo mistério* é uma grande prenda que o Lucio oferece àqueles que têm ou tiveram a ver com a África, e não só, mas, de modo muito especial, às novas gerações africanas que vierem a ter contacto com o carisma de Chiara no hoje da história.

Yao Koffi Aimé



Da comunidade de Trento, até hoje

Todos em ação

Inicia-se com este número a apresentação da vida de várias comunidades locais do Movimento, espalhadas pelo mundo. Neste artigo viajamos da Suíça à Sicília e a Cuba.

Eschenbach (Suíça)

Com 5500 habitantes, apenas a uma hora de comboio da cidade de Zurique. A coragem e o entusiasmo de um pequeno grupo de senhoras do lugar, promovem uma iniciativa que deixa uma marca. Foi aqui que Brigitte Bucher (focolarina casada) foi viver de novo, depois de 30 anos de ausência, com o marido e quatro filhos. Com sete amigas suas, realiza regularmente o encontro da Palavra de vida, até que percebem que, juntas, formam uma comunidade local e questionam-se:

o que é que podemos fazer concretamente? Lembram-se de um grupo de refugiados que ninguém conhece, abrigados numa ex-escola primária situada no complexo escolar da aldeia. Entram em contacto com a Irmã Marianne, diaconisa da Igreja reformada, colaboradora voluntária do Município para os refugiados. «Há anos que rezamos para que alguém na aldeia se interesse por eles. Deus atendeu a nossa oração!», respondem-lhes. Percebem logo que as pessoas não precisam só de ajuda material, mas sobretudo de calor humano para se sentirem em casa. Uma das primeiras ideias foi preparar uma festa de Natal. Em cada loja da vila afixam o convite para a festa na «Arca», nome da estrutura. Um muçulmano e um cristão decoram juntos a árvore de Natal, crianças da vila, juntamente com aquelas da Arca, preparam o teatro

da história do Natal. Cada um prepara qualquer coisa, em várias línguas. No total participaram 52 pessoas da vila no evento, juntamente com 12 refugiados: as barreiras linguísticas desapareceram e nasceram colóquios profundos e vivos. Os hóspedes da estrutura podem comunicar as suas histórias, recebendo acolhimento e atenção: é talvez a primeira vez



que são compreendidos. Estava presente o Presidente da Câmara que, no fim, deixa um contributo económico. A partir daquele primeiro encontro seguiram-se outros acontecimentos que levaram os habitantes de Eschenbach a serem cada vez mais uma família com os refugiados da Arca. A Brigitte e as suas amigas tentam responder às necessidades dos novos amigos. Um destes é o Habton, originário da Eritreia. Tem só 25 anos. Devido à situação política no seu País, por enquanto, não é possível pensar em regressar. Recebe 450 francos para a alimentação, alojamento, vestuário. De vez em quando, consegue ir dar um passeio

de autocarro e todos os meses telefona à sua mãe. «Estou contente, porque aqui posso viver em paz - diz com gratidão. Mas a minha vida na Arca consiste em sentar-me e esperar». A Brigitte e as outras compreendem imediatamente qual é o problema mais urgente, para o Habton, mas também para muitos dos seus companheiros: querem sentir-se úteis, mesmo sem ganhar nada.

Por isso, através de contactos com a Câmara, começam a disponibilizar-se para lim-

par a neve das estradas, e manter em ordem os bosques. O Habton, que está a fazer um curso de alemão oferecido pelo próprio Município, entretanto começa a fazer-se compreender, aumentando as possibilidades de contato e amizade com as pessoas do local.

As sucessivas festas de Natal tornam-se muito mais fáceis de organizar: já se conhecem entre si. A partir desta experiência surgem novas iniciativas que envolvem as forças das Igrejas cristãs reformada e católica. Durante o ano, organizam-se noites de convívio para pessoas de todas as nacionalidades. A atitude, em relação a estas pessoas que procuram abrigo, muda na vila, a assistência social e o Presidente da Câmara intervém a favor delas e, cada vez que chegam pessoas novas, chamam a Brigitte e os seus amigos.

Em Scicli (na Sicília)

Estamos em 1990. Olhámos à nossa volta e démo-nos conta de que na nossa cidade vivem irmãos da Igreja Metodista. Vamos ao encontro deles e nasce entre nós um profundo diálogo, feito de comunhão, de troca de ideias. Conversámos e decidimos realizar juntos um almoço semanal em favor dos muitos imigrantes presentes na nossa cidade. Com muitos destes nossos amigos marroquinos e tunisinos, partilhámos a vida, os sofrimentos de todos os dias.

Hichem e Samia são um jovem casal tunisino há pouco tempo na cidade, a quem



Rezar com Chiara Luce

«Esta jovem rapariga, nossa contemporânea, uma de nós, sem uma consagração particular na Igreja senão aquela do batismo – e portanto do sacerdócio real – testemunha antes de tudo a beleza de ser discípulos de Jesus Cristo». Com estas palavras, Florence Gillet introduz o seu livro *Rezar 15 dias com Chiara Luce* (Gribaudi, 2013): quinze breves capítulos que oferecem valiosas sugestões para a meditação e a oração pessoal, seguindo, de um ponto de vista espiritual e teológico, o itinerário que conduziu Chiara Luce a um «conhecimento privilegiado» de Jesus, através da experiência vital dos grandes mistérios da vida cristã: Deus amor, Jesus crucificado e abandonado, a Igreja, a Eucaristia...

A luminosa «extraordinária normalidade» com a qual Chiara Luce viveu o Ideal torna-se, deste modo, um convite a imitá-la «na aventura de nos podermos deixar transformar pela Palavra de Deus, com uma fé clara e viva».

Por Salvatore Maciocco



ajudámos a preparar da sua modesta casa. Preocupados com a forte precariedade económica, confessam-nos que esperam uma criança, e é o amor concreto de muitos de nós que os tranquiliza e apoia a continuação da gravidez. O nascimento de Deysssem, depois dos primeiros momentos de alegria, transforma-se numa preocupante corrida contra o tempo, por causa de uma malformação em relação à qual se deve intervir em poucas horas. É preciso organizar a transferência para Roma e um de nós, quase por acaso, oferece-se para acompanhar a criança e o seu pai, que tinha acabado de conhecer. A cirurgia tem muito sucesso e o pequenino salvou-se!

Naquele período também, nasceu, juntamente com outras instituições, um centro de acolhimento e de intercultura: «La Sorgente». Quer ser um ponto de encontro e de partilha. Além disso, para responder ao apelo da Assessoria da Cultura do Município de dar aulas de língua italiana a alguns jovens imigrantes, organizam-se três vezes por semana, durante dois anos consecutivos, aulas de italiano.

Ao aproximarem-se as festas natalícias e de fim de ano (estamos em 1997), os jovens da comunidade sentem o desejo de não se deixarem envolver pelo consumismo, e pensam numa passagem de ano especial. De facto, são especiais os convidados: homens, mulheres, jovens marginalizados, que ninguém procura ou considera importantes. Vamos procurá-los nas próprias casas, nos cantos das praças, nos lugares que normalmente frequentam e, agora, depois de anos que isto se repete, encontrá-los é uma verdadeira festa para nós e para eles, que esperam com alegria por este convite.

Nos últimos anos, toda a comunidade se envolveu nesta ação. Também para os nossos jovens e crianças, muitos dos quais participam desde que nasceram, é uma experiência única, que os forma naturalmente a uma cultura da fraternidade. O envolvimento de alguns sacerdotes é também importante. A iniciativa, que chegou



à 15ª edição, torna-se cada vez mais bonita e faz-nos ser mais família, com um verdadeiro relacionamento de reciprocidade.

Em 2005 os Jovens para a Unidade identificaram, num centro diurno de acolhimento para crianças, o lugar onde «colorir a cidade». O centro é mantido por religiosas e dirige-se a crianças dos 6 aos 14 anos com situações familiares particulares. Lá elas almoçam e passam as tardes. Fazem-se turnos para passarem com elas momentos de jogos e para fazer os trabalhos escolares. As crianças descobrem nos Jovens para a unidade amigos de certo modo especiais. No ano seguinte iniciou-se uma outra realidade importante: é pedido às nossas famílias para colaborarem na formação e abertura de um diálogo com as famílias das crianças. Famílias albanesas, com cultura e religião diferentes, famílias divididas com pais na cadeia ou em prisão domiciliária, para nós são Jesus para acolher. Começámos com elas um percurso que continua até agora.

Em Florida (Cuba)

Vivemos numa cidade pequena e pertencemos todos à mesma paróquia, por isso estamos muito inseridos na vida da comunidade paroquial. Já há algum tempo que queríamos fazer alguma coisa para Jesus nos mais pobres e então começámos a oferecer o pequeno-almoço, todas as sextas-feiras, a um grupo de idosos. As primeiras a começar este serviço foram pessoas empenhadas no Movimento Paroquial,

mas logo se juntaram outros da comunidade, de várias vocações. De 20 idosos, no início, chegámos a 60! Nas quadras de Natal e Páscoa, com a ajuda dos jovens e de pessoas amigas, abrimos um «salão de beleza»: corte de cabelo, manicure, banho, etc. Conseguimos também dar roupas limpas, particularmente àqueles que vivem na rua. Alguns deles, sentindo-se tão amados, começaram a ajudar a fazer alguns trabalhos na paróquia, como limpar o pátio, arrumar o lixo, etc.

É uma experiência muito importante para todos na comunidade, por isso pensamos ampliá-la. Pelo Natal, algumas das nossas famílias prepararam refeições nas próprias casas e, na pela noite fora, fomos em grupos distribuir jantares, procurando as pessoas que dormem nas ruas. Foi um Natal maravilhoso! A experiência foi muito edificante, os jovens estavam felizes. Juntos decidimos repeti-la uma vez por semana. Outros paroquianos juntaram-se ao grupo, porque querem viver como nós.

Quando contámos esta experiência na Mariápolis, uma senhora levantou-se para dar o seu testemunho. Ela é do partido comunista e frequenta a Igreja há pouco tempo. Disse que quando ia para o trabalho encontrava sempre um senhor na rua, mal vestido e sujo. Ela cumprimentava-o, mas ele nem a olhava. E assim continuou durante muito tempo. Um dia ficou surpreendida ao vê-lo limpo e bem vestido, e daquela vez foi ele que a cumprimentou primeiro. Soube que era um dos idosos que ia à paróquia e compreendeu que é o amor que dá dignidade à pessoa.

A nossa comunidade caracteriza-se por um grande número de crianças e jovens. Este ano parecia-nos importante aproximarmo-nos mais deles e conhecer as famílias e pudémos conhecer melhor a situação de cada uma. Começámos por fazer atividades para os pais e não se fizeram esperar os frutos do nosso caminhar juntos, como, por exemplo, a decisão dos pais de uma gen 3 se casarem, tomada precisamente depois de ter nascido este relacionamento com todos nós.

por Aurora Nicosia

Nápoles

Uma explosão de vitalidade

Depois dos compromissos públicos em Santa Maria Capua Vetere, a Emmaus e o Giancarlo encontraram-se com as comunidades do Movimento da Puglia, de Basilicata e da Campania, e com alguns representantes da Albânia.

Era domingo, dia 24 de novembro. Apesar da chuva começam a chegar, por volta das oito horas, de carro, de autocarro, de metropolitano e ferry-boat (mais de 200 vêm de Ischia): eram pessoas do Movimento provenientes da Puglia, de Basilicata e da Campania, que estavam desejosos de estar com a Emmaus e o Giancarlo. Também estava presente um grupinho de 16 pessoas da Albânia. As três salas interligadas do Centro de Congressos *Oltremare* de Nápoles não foram suficientes para as mais de 2200 pessoas e 130 crianças que vieram em representação de muitas outras.

O título da jornada foi «Assim na Terra como no Céu»: um propósito, um empenho, uma experiência real que envolveu também os muitos que não estiveram fisicamente presentes, mas que são construtores da unidade

O programa iniciou às 10 horas e, às 11, a Emmaus e o Giancarlo entraram na sala e foram recebidos com um calor maravilhoso. Mas, de



M. Rita Cerimele e Bruno Cantamessa com o Presidente da Câmara Luigi de Magistris

A atualidade de Chiara Lubich

Dez anos após a atribuição do prêmio «S. M. Capua Vetere cidade de Paz» a Chiara, no dia 23 de novembro, a Emmaus foi à cidade da Câmpania e participou na Conferência «Chiara Lubich, mulher do diálogo» juntamente com representantes do mundo hebraico, do Islão e da cultura laica.

Na segunda-feira seguinte ocorreu a Lectio Magistralis na Abertura do Ano Académico do Instituto Superior de Ciências Religiosas «São Roberto Belarmino», da cidade de Cápua, com o tema: «Jesus Abandonado luz para a teologia». Ver mais notícias em www.focolare.org e www.cittanuova.it



das comunidades locais, de criatividade, de arte, de beleza. E em dois momentos posteriores, as perguntas: sinceras, exprimindo sofrimento, diversificadas. A Emmaus e o Giancarlo responderam alternadamente a pessoas de todas as idades e de sensibilidades e origens diferentes, com respostas enriquecidas pelo amor, sabedoria e luz.

No final do programa comum, por volta das 17 horas, uma última saudação foi reservada aos cerca de 400 jovens presentes. Amizade, carinho e simpatia foram a expressão de um diálogo que vai e que volta.

Entre as muitas impressões, um Pastor da Igreja Batista escreveu: «Obrigado por este dia passado em conjunto. Deste-nos alimento para a alma, e também para o corpo, uma vez que foram postos em comum os vossos pãezinhos: isto é amor concreto». E uma outra pessoa: «Este ano, o trabalho é mais difícil do que o habitual por causa da situação de degradação social que muitos dos meus alunos estão a viver. É uma “terra de fogo” sob todos os aspetos, mas dentro de mim sinto um fogo que quer ainda incendiar até aos últimos confins do nosso coração».

surpresa, chegou também o Presidente da Câmara de Nápoles, Luigi de Magistris, que ficou durante uma hora, regozijando-se com a festa. Na saudação, o presidente da Câmara salientou a grandeza e a capacidade que o povo napolitano demonstra desde sempre diante do sofrimento.

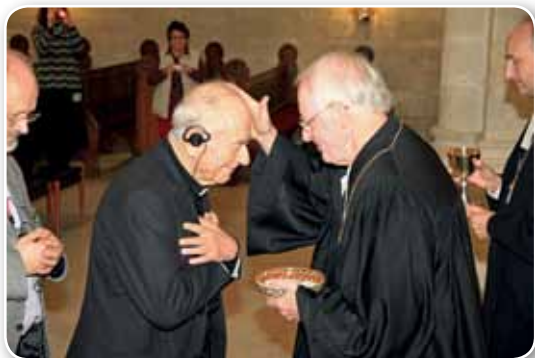
E a Emmaus diz que, em todo o lado, a festa faz-se no fim, mas que aqui é significativo que se faça no início. E verdadeiramente todo o dia tem o sabor da Ressurreição, de uma esperança que não desilude, porque foi construída com a Vida. A festa com a Emmaus e o Giancarlo foi uma explosão de vida





Jerusalém chama à unidade

32º Encontro de Bispos de várias Igrejas, amigos do Movimento dos Focolares



De 18 a 22 de novembro realizou-se em Jerusalém um Encontro no qual participaram mais de trinta Bispos que compartilham a Espiritualidade do Movimento dos Focolares, pertencentes a 12 Igrejas diferentes, entre as quais Católicos de cinco ritos, provenientes de 17 nações dos cinco continentes. O encontro foi promovido pelo moderador Francis-Xavier Kriengsak Kovithavanij, arcebispo de Bangkok, ajudado por uma equipa de Bispos de várias Igrejas, entre os quais o moderador precedente, card. Miloslav Vlk, já arcebispo de Praga.

Os Bispos quiseram encontrar-se na Cidade Santa, para explorar novos espaços de comunhão e manifestar, com a sua presença conjunta, solidariedade e apoio aos irmãos e irmãs de fé no Médio Oriente.

O fio condutor foi o tema: «A reciprocidade do amor entre os discípulos de Cristo» da qual tinha falado também Maria Voce, presidente do Movimento, em videoconferência. Outras intervenções foram dedicadas aos

recentes documentos sobre perspectivas comuns da Igreja e sobre a celebração comum dos 500 anos da Reforma. A questão de fundo do encontro era como aumentar o amor recíproco entre as Igrejas. E a sua meta, «reavivar o empenho ecuménico pessoal – além daquele oficial, já em ação -, e realizar uma comunhão entre Bispos de diversas Igrejas, no amor fraterno que respeita a diversidade» como foi afirmado pelo arcebispo Kriengsak.

O espírito que animava o encontro, já na primeira manhã fez exclamar a Mikhail Abrass, bispo da Igreja melchita (greco-católica) do Líbano: «Estando aqui reunidos Bispos de Igrejas, ritos, Países e culturas diferentes, todos porém com um só coração, vejo diante de mim – ainda que em ponto pequeno – a Igreja de Cristo unida».

A importância do contributo que os Bispos podem dar à unidade veio em relevo nas palavras do núncio apostólico, mons. Giuseppe Lazzarotto, enquanto o bispo sírio-ortodoxo Mar Sewerius Malki Murad, referindo-se à emigração de muitos fiéis dos Países do Médio Oriente, constatava que o testemunho de co-



munhão entre os bispos presentes podia voltar a dar confiança e coragem aos cristãos daquelas nações, que muitas vezes se sentem abandonados. Não faltaram as saudações da parte do Patriarca de Jerusalém, Fouad Twal, e do Patriarca ecuménico Bartolomeo I. Foi possível visitar o Patriarca greco-ortodoxo de Jerusalém Theophilos III que, visivelmente contente, afirmou: «Alegro-me por terdes vindo. Conheço alguns de vós pessoalmente, porque vivemos experiências muito fortes, juntos». Comparou o encontro a uma peregrinação, uma bênção para os próprios Bispos e também para o Patriarca e para todos os cristãos que vivem na Terra Santa, porque não são esquecidos. E concluiu: «Vós não só fazeis o diálogo, mas sois vós mesmos o diálogo vivo».

Foi importante o testemunho de quantos aderem ao Movimento na Terra Santa: apresentaram algumas iniciativas promovidas por leigos quotidianamente empenhados, como promotores de paz e unidade.

Consolador o comentário de uma peregrina à passagem dos Bispos nos seus vários hábitos, em profunda comunhão: «Esta é a Igreja do futuro».

Helmut Sievers
(*Chiarama*)



Argentina Sul

Na Escola gen2 da Mariápolis Lia

Uma visita dos Centros gen mundiais



De 5 a 11 de novembro, a Gabriella Zoncapé e o Marius Mueller, dos Centros gen2 mundiais, estiveram na Mariápolis Lia. Esses dias foram uma oportunidade para aprofundarmos a vocação gen, a partir das nossas reflexões, inquietações e perguntas, num diálogo aberto com eles.

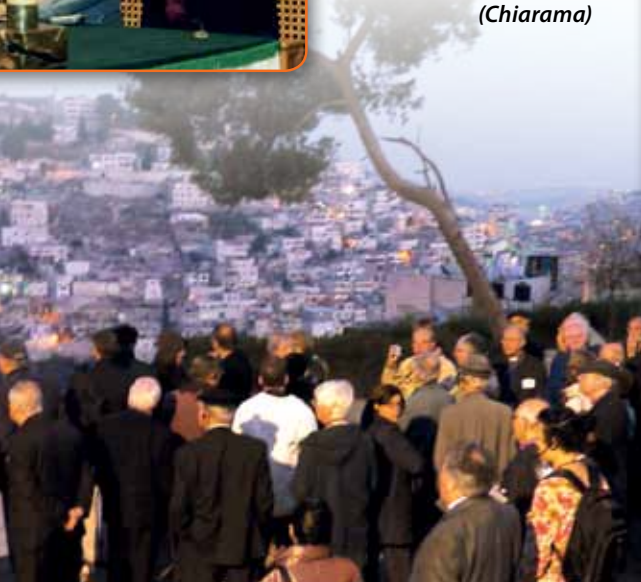
Ao acompanhá-los para conhecerem as várias realidades da Cidadela e recebendo-os nas nossas casas, fizemo-los participar das nossas experiências na vida quotidiana, da unidade que procuramos construir entre nós.

Aprofundámos juntos a experiência do Genfest 2012 e o «United World Project», ao qual queremos agora aderir como protagonistas ativos.

Depois desta semana sentimo-nos ainda mais parte de uma grande família mundial e temos a certeza de poder contar com a unidade de todos os gen do mundo.

Encorajados pelas palavras do Marius e da Gabriella: «Estamos a viver dias de luz nesta Cidadela que Chiara definiu “perfeição do amor recíproco”», lançamo-nos com entusiasmo para concretizar esta realidade juntamente com toda a Obra.

Os gen2 da Escola da Argentina Sul



É Natal!

Precisamos do Amor. É preciso que Jesus volte com força [...] Olhemos ao nosso redor... Que este amor se dirija a todos, mas em particular a quem sofre, aos mais necessitados, a todos os que estão sós, que são pobres, pequenos e doentes... Que a comunhão com eles, de afeto e de bens faça resplandecer uma família de verdadeiros irmãos, que festeja juntos o Natal e não fique por aqui.

Quem poderá resistir à força do amor?

À luz do Natal tenhamos gestos, suscitemos ações concretas. Serão a cura para males que parecem pequenos, mas que aplicados em vasta escala poderão ser uma luz e solução para os graves problemas do mundo. Um feliz Natal para todos!

Chiara

Nas ilhas de Cebu, atingidas pelo tufão Hayan, muitas das nossas comunidades foram atingidas. Mas a corrida de amor entre todos traz esperança. Ver reportagem da Conferência CH de 30 de novembro, que também está acessível em www.focolare.org/notiziariomariapoli

(o texto integral está na Mariápolis online www.focolare.org/notiziariomariapoli)

Não nos habituemos às injustiças

Nasceu uma rede que liga as organizações sociais da América Latina e Caraíbas, gerada de várias formas pela espiritualidade da unidade, do Movimento dos Focolares.

É um novo passo: vai permitir uma partilha permanente de experiências, problemáticas, recursos, vai pôr em acção novas sinergias, e ajudar a mudar com mais força.

Foi já criada uma plataforma informática: **www.sumafraternidad.org** em espanhol e português.

Este foi um dos objetivos alcançados no primeiro encontro dos representantes de 40 obras sociais, em representação de muitas outras, provenientes de 13 Países, que se reuniram em finais de outubro no Brasil, na Mariápolis Ginetta. Um evento muito esperado, definido por alguns como histórico. Etapa de um cami-

nho na construção desta rede, iniciado há dois anos, distintamente no Brasil e nos Países de língua espanhola, à luz do desígnio de Deus para o continente, que Chiara tinha profeticamente delineado desde os finais dos anos 60. As obras sociais, já existentes no Brasil e na Argentina, foram para ela a garantia de que a América do Sul poderia ser um exemplo para os outros continentes, de modo a poder dizer: **“eis como se resolve o problema social”**. E tinha dado uma cor simbólica a este continente: o “Azul”, porque é chamado a compor, cada vez mais, a harmonia social, começando pelos mais pobres.

Um chamamento que Vera Araujo definiu, numa conferência telefônica de Roma, “trabalhoso e decisivo, porque representa o contributo específico deste continente para a realização de um mundo unido” e “requer – acrescentou – uma elaboração que nos convida a um trabalho constante, aprofundado, nunca concluído mas sempre aberto a novas dimensões do carisma e às novidades da História”.

Foi o que aconteceu neste seminário que tinha como tema condutor “A fraternidade em ação: fundamento para a coesão social no século XXI”. Confrontámo-nos com o panorama socio-político do continente, atualmente cheio de feridas pelo *deficit* de coesão social, que provoca exclusão e profundas desigualdades, como defendeu o politólogo Juan Esteban Belderrain. Referindo um documento recente da ONU, denunciou a preocupante “indiferença geral” que “paraliza os processos necessários para a mudança”. E realçou o valor fundamental dado pelas intervenções sociais inspiradas pelo carisma da unidade: a cultura da unidade, da fraternidade, da comunhão. E definiu

os pontos da espiritualidade como “verdadeiras propostas metodológicas para intervir na mudança social”. Foram esclarecedores os cinco pontos indicados pela Vera Araujo numa ligação de Roma: o agape, “pedra angular”; o “fazer-se um”, indispensável para construir relacionamentos; a fraternidade, que impõe o fim das desigualdades; “amar a pátria dos outros como a nossa”, para viver a cidadania ativa, a nível local, nacional e mundial. Jesus crucificado e abandonado, resposta aos sofrimentos e conflitos gerados pela questão social. “... este grito – disse o p. Vilson Groh, que há anos trabalha para resgatar jovens das periferias – que nos faz entrar no abandono dos excluídos, dá-nos a capacidade de entrar em comunhão com eles e não permite que nos habituemos às injustiças sociais”.

A rica troca de experiências mostrou a força da transformação operada pela fraternidade, em ação nos diversos Países, onde o narcotráfico semeia a morte, especialmente entre os jovens; onde as crianças de tenra idade vivem nas ruas porque nas suas casas só há



pobreza e discórdia; onde os camponeses, por não terem meios de subsistência, emigram para as cidades, multiplicando as *favelas*; entre os portadores de deficiência, entre as populações indígenas originárias, marginalizadas, entre refugiados das guerrilhas.

A profunda comunhão permitiu partilhar também as muitas dificuldades, como por exemplo, momentos de solidão, sensação de fracasso, de dúvida, às vezes de incapacidade. Como disse Giuseppe di Pietro - da Secretaria Internacional de Humanidade Nova, que acompanhou os trabalhos -, «é necessário uma ligação forte entre mim e os outros, para que nos tornemos "nós"». É este o novo passo que

se perspetiva: entrar em rede e dar início às sinergias, não só entre as obras sociais. Durante anos o carisma da unidade gerou respostas articuladas para a questão social, que englobam a economia e a política, a família, os jovens, e muitos outros campos, empenhados em gerar por todo o lado a fraternidade e a comunhão. A rede gostaria de abraçar este amplo horizonte e ser espaço de formação.

A Emmaus, na sua mensagem, fazia votos para *"que Maria, através de vós, possa cantar o "Magnificat", o mais forte manifesto social"*. A resposta entusiasta foi: "SÍM, juntamente com toda a Obra".

Carla Cotignoli

Emergência Sardenha

Quando «tudo desmorona»

No Evangelho encontraram a força para viver pelos outros e seguir em frente

Por ocasião do violento ciclone que devastou várias regiões da nossa ilha, revivemos, em conjunto, a experiência de Chiara de que tudo passa, só Deus permanece. Reconhecemos neste acontecimento uma oportunidade imediata que Deus nos dava para ir ao encontro dos mais necessitados. Muitos se lembraram daquilo que Chiara escreveu em 1949: «Vão ser vocês, sardos, que vão dar o exemplo do amor fraterno que o mundo nunca viu» e sentimo-nos interpelados a atuá-lo, mais do que nunca.

Algumas experiências: um de nós, em poucos minutos, ficou com o seu apartamento completamente inundado de água. Ouviu a voz dos seus vizinhos já idosos e encontrou-

-os com a água até ao pescoço. Consegui salvá-los, levando-os para fora a nado. Um gen de Olbia escreveu-nos: «Não podia ficar imó-

vel, tinha que responder ajudando os outros: um amigo com a cave alagada, a escola com lama para limpar. Com os jovens por um Mundo Unido, vindos de Sassari, fomos trabalhar numa casa destruída pelo aluvião».

E uma voluntária de Nuoro: «Aquilo que mais impressiona são as muitas passoaas que se voluntarizam. É uma corrida de solidariedade que me faz verificar todo o Amor que Deus tem por nós».

Para facilitar a comunhão de bens, abrimos uma conta corrente:

IBAN: IT31B0335967684510700162788 - Banca Prossima
Associazione ONE LAB - Laboratorio d'Unita
Via Aresu 3 - Cagliari
Causa: emergenza alluvione Sardegna

Franca Campio, Enzo Stasi

Como colaborar: Aluvião Sardenha • Emergência Filipinas

<http://www.focolare.org/it/news/2013/11/30/emergenza-sardegna-e-filippine/>

A Obra hoje A nova configuração diz respeito a todos

Mudar de mentalidade e perspectiva: o empenho do Conselho geral no hoje da Obra. Entrevista a Nadia Xodo e Pe. Tonino Gandolfo, porta-vozes dos trabalhos de grupo.

Quando se fala da nova configuração emerge o empenho das Zonas em realizar esta nova fase da Obra. Contudo o Centro está também envolvido, ou melhor, trabalha já desde há algum tempo nesta direcção. É assim?

«Sim, com efeito todos nos sentimos envolvidos na mudança de mentalidade e de perspectiva: olhar a Obra “de fora” em direcção a uma nova sementeira. Isto impulsiona-nos, como Centro, a sustentar não só cada uma das realidades que nos são confiadas, mas, partindo dos desafios que cada zona, nação, território, se encontra a enfrentar, sentimo-nos interpelados a perguntar-nos: como podemos ajudar cada zona – juntos, como Obra – a realizar o “*Ut omnes*”, ao serviço da Igreja e da humanidade? “Virar a pirâmide” faz-nos pensar na Obra do ponto de vista da comunidade local: “ponto de unidade da Obra no território e meio eficaz de irradiação do Evangelho”. Ramos, movimentos, diálogos, estamos ao servi-

ço também desta realidade para apertar os nós da “rede” e encarnar ainda mais o Ideal da unidade».

Qual é então a função, o serviço que os Centros podem oferecer no hoje da Obra?

«Poderemos descobrir cada vez mais esta função intensificando a relação e a comunhão entre as diversas realidades que compõem a Obra. Entretanto vieram em relevo algumas pistas para percorrer.

- Orientar-se para um papel de serviço e de consulta: os Centros protegem o património do Ideal para cada uma das realidades e podem ser consultados pelos encarregados das Zonas para receberem conselhos e indicações especializadas nos diversos sectores.
- Incrementar a função de subsidiariedade: ajudar, e não substituir-se, tudo o que pode ser feito nas Zonas, por exemplo descentralizar o mais possível as escolas de formação nas Zonas, Grandes Zonas e Cidadelas. Isto permitiria empre-

A comissão para a preparação da Assembleia de 2014, formada por representantes do Centro e das Zonas



gar menos energias do Centro, tornando as estruturas mais leves.

- Alimentar a «dimensão Obra» em cada realidade. Ter sempre viva deste modo a universalidade, nossa característica (por exemplo: favorecer a comunhão dos bens a nível mundial; dar uma dimensão universal aos programas de Zona, para os congressos ou retiros; fazer circular a vida entre todas as Zonas etc.).

- Elaborar, com base nas várias especificidades, um projecto de formação permanente e integral de todos os membros da Obra. Oferecer linhas gerais e projectos para encarnar nas diversas realidades culturais, com liberdade e discernimento».

Como poderia ser o relacionamento entre Centro – Zona – Zoneta?

«Estamos ainda a falar sobre modalidades que possam favorecer a comunicação e esta é a exigência fundamental que nos move. Sente-se a necessidade de partir das exigências das Zonas: para isto é fundamental ouvir o que têm para nos dizer, o que sentem importante, para manter esta relação recíproca. Em cada caso, é claro que estabelecer relacionamentos não coincide em primeiro lugar com dar directrizes. Permanece aberto o desafio sobre como manter relacionamentos de família em zonas muito vastas, compostas por muitas zonetas e com um grande número de internos».

Como podem contribuir as diversas realidades para a nova configuração da Obra?

«Sem dúvida com uma maior sinergia e colocando-se ao serviço de um “projecto” unitário. Partimos por exemplo das comunidades locais: nota-se a exigência de aprofundar esta realidade e de ter instrumentos adequados para as promover e fazer crescer.

É positivo o facto de que os vários projectos locais sejam inseridos numa visão global, sobretudo a nível nacional (ver “Projecto Itália”). Nesta óptica, uma via de serviço dos Centros poderia ser mesmo aquela de apoiar e vivificar a “projectualidade”.

Com os Movimentos de massa pensa-se que se possa agir cada vez mais juntos, ao serviço da Obra, olhando para o território e salvaguardando as realidades nacionais. Orientamo-nos a programar encontros comuns das secretarias no Centro, no quadro do calendário global já em função.

Os diálogos, depois – as estradas novas para o “*Ut omnes*”, como foram definidos – estão decididos a trabalhar cada vez mais em conjunto, mas mantendo a devida competência e especificidade com o objectivo de consolidar as etapas atingidas e abrir-se posteriormente para uma nova sementeira.

Os ramos, aceitando o convite a não viverem para si mesmos mas a ir para “fora”, por sua vez irão trabalhar cada vez mais em sinergia com os movimentos de massa e os Diálogos.

Os encarregados dos Aspectos, estando ao serviço de toda a realidade da Obra, podem favorecer muito este processo de integração entre Centro e Zonas. Como já não estamos no período de fundação com Chiara, vê-se oportuno traçar “linhas essenciais”, recolher a vida e fazê-la circular, garantindo sempre a unidade com a fonte.

Importante, enfim, o papel das Cidades como “pólos formativos” locais, nos quais se descobrem e se aprofundam as diversas vocações, além da sua natural vocação para a irradiação e uma nova abertura em relação com a realidade juvenil. Sente-se a necessidade de as incrementar, do ponto de vista das pessoas e das estruturas, de modo a poderem desenvolver uma função de serviço e de mediação nas áreas geográficas».

Por Aurora Nicosia

EM DIÁLOGO

Economia de Comunhão

Esperança e responsabilidade



Em Portugal e na Alemanha os encontros internacionais para evidenciar o «já» e o «ainda não» do projeto

rar para estar à altura da EdC de Chiara, nada menos. Muito importante o contributo dos jovens, estavelmente presentes nas comissões, muitos envolvidos diretamente graças às várias *summer school* EdC (a última em Madrid, em julho) que se realizaram nestes anos em todo o mundo. Nasceram novos projetos também de empresa, alianças, sinergias entre os vários pólos no mundo, entre os quais um intercâmbio «*erasmus*» entre empresários europeus.

Não faltaram os momentos de festa: desde a característica «noite do FADO» em Lisboa até à Missa de festa, celebrada em Fátima pelo Padre Antonio Bacelar.

Só agora é que a EdC está a começarr a revelar as suas potencialidades no mundo. É preciso, portanto, também um salto organizativo para servir e potencializar a vida que

já existe e que está a nascer. Neste sentido, a participação dos Pólos e das Associações de empresários (entre as quais a última nascida, AIPEC italiana) é e será decisiva.

Em Ottmaring. Na semana a seguir, depois de Lisboa, eis-nos já em viagem para Ottmaring, na Alemanha. Foram 150 os participantes,

Em Lisboa. Decididamente lançados para o futuro, e para isso, preparar-nos para alcançar os objetivos. Foi esta a síntese do encontro internacional dos responsáveis da EdC, que pela primeira vez reuniu as Comissões, as Associações nacionais EdC e os Pólos. O encontro realizou-se, de 17 a 20 de outubro, na moldura da acolhedora Mariápolis Arco-Íris, sede do Pólo EdC português Giosi Guella. Foram quatro dias intensos, de verdadeiro diálogo, números e dados na mão, para compreender o que se deve mudar e melho-



da Servia, Polónia, Eslovénia, Alemanha, Áustria, Irlanda, Eslováquia, França, Rússia, Croácia e Suíça, para o quarto encontro EdC Norte e Leste da Europa. A figura do empresário e da empresa foi posta no centro do encontro: «A comunhão a todos os níveis da nossa vida, também empresarial, é o elemento distintivo do projeto, em relação a todas as outras economias civis», explicou Anouk Grevin, professor da Universidade de Nantes (França). Nos três dias realizaram-se mais de 10 *workshop*, sobre vários aspectos da EdC, num clima de grande diálogo, responsabilidade, alegria: «Se não começo agora, se não dou agora os meus primeiros cinco euros de lucro, nunca começarei», salientou Koen Vanreusel, empresário belga da Selfmatic.

Lançámo-nos na preparação dos próximos encontros: a próxima *summer school* para jovens em Paris (agosto 2014); o quinto encontro europeu (outubro 2014) na Mariápolis Farol; a assembleia geral internacional EdC, em 2015 em Nairobi, no Quênia.

Foram dois encontros ricos de esperança e de responsabilidade, que mostram o «já» e indicam os desafios apaixonantes, do «ainda não» da EdC, cada vez mais ao serviço e em diálogo com muitos.

Luigino Bruni

Religions for Peace em Viena

Fraternidade enriquecida pelas diferenças

Para enfrentar juntos os desafios



«Acolher o outro: uma visão multireligiosa de paz». Cerca de seiscentos delegados de várias religiões, representantes de uma centena de grupos de *Religions for Peace* (RfP) a nível nacional e europeu, reuniram-se de 20 a 22 de novembro para fazer face à crescente hostilidade que atualmente existe para com os imigrantes.

Ban Ki-moon, secretário geral das Nações Unidas, na sua mensagem, congratulava-se com o enorme progresso conseguido, graças às pessoas de fé: «o poder das religiões, em promover a reconciliação através do perdão, pode favorecer de modo muito significativo o nosso trabalho de fazer face às causas profundas dos conflitos e atingir uma paz duradoura».

No decurso da Assembleia foram discutidos vários subtemas, como a prevenção dos conflitos, os processos de reconciliação, a proteção das minorias religiosas, as migrações e a educação para a paz.

Foi comovente o apelo à oração feito pelo metropolitano siro-ortodoxo Mar Gregorios Yohanna Ibrahim, um dos



Presidentes de RfP, que foi raptado na Síria, juntamente com o bispo greco-ortodoxo Paul Yazigi. Os participantes das Coreias do Sul e do Norte foram largamente aplaudidos quando, juntos no palco, mostraram que o País está dividido, mas as comunidades religiosas não estão.

Hoje RfP é a maior aliança mundial das religiões que, preservando a identidade de cada comunidade religiosa, colabora com valores essenciais, profundamente enraizados e amplamente partilhada entre todos.

A nossa colaboração remonta à primeira viagem de Chiara a Tóquio, em 1981. Durante um colóquio, Nikkyo Niwano, fundador da Rissho Kosei-kai e um dos fundadores de RfP, pediu-lhe para apoiar esta organização. Chiara aderiu a este convite e assegurou a nossa coo-

peração nos países onde existiam delegações de RfP.

Na Assembleia em Viena estiveram presentes a Emmaus, que fez uma intervenção acerca do tema em questão, alguns membros do Centro para o diálogo interreligioso, assim como membros do Movimento do Brasil, Singapura, Bélgica e Holanda.

Vinte internos da Áustria deram um precioso contributo no acolhimento e na organização do evento.

Com muitos dos participantes, ao longo dos anos, foram criados relacionamentos profundos, especialmente por Chiara e Natalia Dallapiccola.

Esta assembleia pareceu-nos uma ponta de lança onde, não obstante as diferenças, uma parte da humanidade está a realizar a unidade e a fraternidade.

A nossa contribuição foi muito apreciada ao longo dos anos, quer na Assembleia mundial quer a nível nacional, nas várias partes do mundo. Agora os dirigentes quiseram eleger Maria Voce como Presidente. Christina Lee foi eleita para a Comissão Internacional das Mulheres.

Christina Lee



Em Paris

«Cultura de comunhão»

Amigos de Juntos pela Europa encontram-se em Montmartre

«Os nossos carismas são como as lâmpadas, juntas iluminam muito mais. A nossa comunhão tem por objetivo a Europa». Foi assim que Gérard Testard de Fondacio abriu o encontro anual dos «Amigos» (7 - 9 novembro), que, pela primeira vez, se realizou em Paris. Eram 125 os fundadores e os responsáveis de 46 Movimentos e Comunidades que desta vez aprofundaram um dos «7 sins» do seu empenho comum, o dos pobres e marginalizados. É uma realidade que a todos une. Quando falou Jean Vanier, fundador de *Arche* – 141 comunidades que se dedicam com inovação evangélica à deficiência mental – fez-se silêncio absoluto. A luz que emanava dos gestos calmos era comovente: «Viver com os mais fracos faz-nos descobrir como podemos criar um mundo mais humano. Não dizemos: "Jesus ama-te", mas dizemos: "eu amo-te". Aprendemos a amar: é um longo caminho».

A profundidade da espiritualidade ortodoxa foi realçada com uma meditação: «O sacramento do irmão» de Cyrille Sollogoub, o jovem presidente de Acer-Mjo (Ação cristã de estudantes russos – Movimento de jovens ortodo-



xos). Referindo-se aos Padres da Igreja, evidencia, para os cristãos dos três primeiros séculos, a íntima ligação entre a liturgia e o irmão. A mesma ligação encontrada por muitos ortodoxos russos forçados ao exílio depois da Revolução de 1917, num contexto de sofrimento e perda.

Durante os dois dias intensos em Paris, numa troca de experiências entre Países e Igrejas diferentes, foram apresentados também os frutos. De realçar o encontro na Alemanha com os Bispos das Igrejas evangélicas e da igreja católica, no qual, através dos testemunhos comuns, se pode verificar a importância do desenvolvimento já alcançado pelo «Juntos...».

E agora pensa-se no futuro: a perspectiva vai para um Congresso que se realizará, provavelmente, na Alemanha, em 2016.

Diego Goller (Iride), conselheiro do Centro da Obra para a Europa Central (que, conjuntamente com Anna Pelli, do 1º diálogo, passaram agora a fazer parte da secretaria de «Juntos»): «Particpei pela primeira vez num encontro dos "Amigos". Tocou-me o clima de atenção profunda. Sente-se a forte realidade subjacente, que foi originada na inspiração de Chiara e no amor vivido para reunir pessoas, assuntos e inspirações muito diferentes entre si. As suas palavras "a partitura está escrita no céu" são uma constante, e assiste-se à ação do Espírito Santo. Tinha consciência que era uma iniciativa de vanguarda, mas não a imaginava assim».

*ao cuidado de Gianna Sibelli
e Gabri Fallacara*



«Para Ihe dizer o meu obrigado»

O primeiro bispo Bangwa em visita ao túmulo de Chiara

"Vim ao túmulo de Chiara para Ihe dizer sobretudo o meu obrigado". Andrew Fuenya Nkea, nomeado pelo Papa Francisco bispo coadjutor da diocese de Mamfe (Camarões) É o primeiro Bispo da tribo dos Bangwa, de Fontem. Conheceu o Movimento quando era seminarista e foi atraído pela espiritualidade da unidade. Perto da data da sua ordenação escreveu a Chiara pedindo-lhe que sugerisse uma frase para a sua estampa de recordação. Como a resposta tardava, Andrew recolheu-se em oração e pensou: "Deus é amor". Algum tempo depois chegou a resposta de Chiara, que pedia desculpa pelo atraso explicando o motivo, e sugeria uma expressão do Evangelho como palavra de vida: "Deus é amor". A coincidência significou para mons. Nkea uma luz, uma dádiva, e suscitou uma ligação profunda com ela. Por isso, logo que foi nomeado Bispo, veio a Roma, dedicou um dia inteiro para ir agradecer-lhe e pedir-lhe que continue, do Céu, a apoiá-lo na nova tarefa.

A visita de Mons. Nkea aos vários espaços do Centro, a 4 de agosto passado, deu a oportunidade de o informar dos últimos acontecimentos e desenvolvimentos da Obra. Acompanhado por Gisela Lauber, conselheira para a África, e por Marita Machetta - que foi durante vários anos delegada da Obra em Fontem -, depois foi ao Centro sacerdotal.

É raro que em África um Bispo seja mandado para a diocese onde está a sua tribo. Foi o próprio Bispo de Mamfe, mons. Francis T. Lysinge, que o pediu para dar continuidade à obra por ele iniciada nesta diocese, recentemente instituída.

A consagração episcopal de

mons. Nkea, ocorreu a 23 de agosto passado em Mamfe, na grande esplanada perto da nova catedral. Reuniu uma multidão imensa de todas as regiões vizinhas, sobretudo da tribo Bangwa. Estavam presentes 22 Bispos e mais de 200 sacerdotes.

Na "Seat of Wisdom", de Fontem

Na sua primeira visita oficial à diocese, mons. Nkea deslocou-se ao Colégio "Seat of Wisdom" (Sede da Sapiência) de Fontem, para a inauguração do ano académico 2013-2014. Imaginamos a festa dos 34 professores e dos mais de 500 alunos!

Na calorosa saudação de boas vindas, o presidente, Raphael Takougan, lembrou aquilo que Chiara lhes tinha desejado: "*Professores e alunos são chamados a tornarem-se santos juntos*" e mons Nkea explicou que "Our Lady Seat of Wisdom" não é simplesmente um colégio, é uma família animada pelo amor, uma comunidade de paz e uma escola de unidade". Desejado, encorajado, apoiado por Chiara, o Colégio parece-nos um dos mais belos frutos em Fontem, dantes uma terra desolada e desconhecida, e agora uma cidade onde muitos vêm "*para aprender como se ama*", como ela desejava.

p. Adolfo Raggio



Telegramas da Emmaus por ocasião da «partida» dos últimos quatro focolarinos

Doris Scheimann

«Quando chegar a Jesus, vou voar»



Doris, focolarina em Ottmaring, levantou «vo» para o Paraíso no dia 17 de novembro, subitamente, devido a uma doença do coração.

Nasceu em 1956, na Alemanha Ocidental, e cresceu numa bela e harmoniosa família católica, com três irmãs e um irmão. O pai era sapateiro e nem sempre lhe era fácil sustentar a numerosa família. Por isso a Doris começou, logo aos 15 anos, a trabalhar como contabilista, para contribuir para o sustento da família. Depois de ter conhecido o Ideal, em 1975, participou no seu primeiro congresso Gen e a descoberta de Deus-Amor fascinou-a. Lançou-se a amar com decisão e nem as frases irónicas dos colegas de trabalho, a quem tinha comunicado a sua descoberta, a demoveram. Quando, dois anos depois, participou num encontro em Rocca di Papa, ouviu o p. Foresi falar da chamada de Jesus ao jovem rico. Percebeu que também ela era rica, não materialmente, mas do desejo de constituir uma família. Deu-se conta que Jesus já há algum tempo lhe fazia a mesma pergunta e, por isso, comunicou a Chiara que tinha «percebido» e queria segui-Lo.

Recebeu então de Chiara esta Palavra de vida: «quem deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, ... e no tempo futuro, a vida eterna» (Mc 10, 29-30). E Chiara acrescentou que rezava a Maria Desolada para que fosse «*Mestra em perder tudo, tudo, tudo; não para permanecer de mãos vazias, mas para estar cheia da vida de Deus e dá-Lo à humanidade*». Em 1980 Chiara confirmou-lhe o nome «Doris» que tem o seguinte significado:

«dom para Cristo». Depois da escola de Loppiano e Montet voltou para a Alemanha e viveu nos focolares de Munique, Nuremberga, Berlim e, a partir de 2000, em Ottmaring.

Trabalhou em vários bancos, foi muito estimada pelos colegas e conseguiu criar relacionamentos profundos que ainda perduram. Foi assistente gen4, gen2 e responsável de um focolar. A partir de 2008 tornou-se conselheira do "Vermelho" na Cidadela de Ottmaring. Em 2001 foi internada por causa

de um nódulo na tiróide. Depois da cirurgia os médicos comunicaram o êxito da operação: Doris tinha um tumor benigno e a colega de quarto tinha um tumor maligno. Com desespero esta chorou toda a noite. A Doris contou: «Rezei muito por ela e disse a Jesus que me poderia ter dado essa cruz». Na manhã seguinte, os médicos pediram desculpa por terem trocado os nomes e o diagnóstico era precisamente o contrário. «Senti força e alegria de dizer «sim» a Jesus Abandonado, acrescentou a Doris. Seguiu-se uma segunda cirurgia que danificou seriamente as suas cordas vocais e lhe causou dificuldades respiratórias crónicas. Escreveu então a Chiara: «Parece-me que Deus agora me quer dizer para procurar ainda mais ser como Maria. Ela que deu ao mundo a Palavra, permaneceu no silêncio».

Em 2009, numa carta confiava-me: «Sinto-me plenamente amada e nas mãos do Pai, e acrescentava: ao visitar a casa de Chiara, senti forte a sua presença viva. Era como se me dissesse que agora é a minha vez de me responsabilizar mais para levar a Obra para a frente». Nestes 12 anos a Doris viveu com coragem esta sua situação. Não era um peso para ninguém, mesmo se depois de dar alguns passos ficava sem fôlego. «Mas quando chegar a Jesus, vou voar» costumava dizer com o seu habitual humorismo. Quem vivia com ela disse ter notado ultimamente uma delicadeza nova nos seus atos de amor, um empenho mais decidido no amor recíproco e uma atenção maior nas pequenas coisas... Doris soube ser uma dádiva para a Obra e para a humanidade.



Benedetto Vena

Três cravos vermelhos

No passado dia 7 de novembro, Benedetto, focolarino casado de Cosenza, partiu para o Céu devido a um acidente de viação que ocorrera alguns dias antes. Tinha 79 anos. A

sua vida foi sempre uma preparação para o encontro com Jesus, na plena fidelidade à escolha de Deus e na doação à família e à Obra. Casado com Lia, também ela focolarina, Benedetto conheceu o Ideal em 1966, em Nápoles, onde vivia por motivos de trabalho. Em 1973, a família mudou-se para Cosenza, a sua cidade natal, e, com o decorrer dos anos, tiveram cinco filhos. Ainda como jovem casal acolheram e fizeram sua a espiritualidade do Movimento e estiveram sempre na primeira linha dando um contributo ativo no seu desenvolvimento.

Quantas viagens fizeram por toda a Calábria para difundir a mensagem de amor e de unidade do nosso carisma! E, até aos últimos dias, Benedetto rezou, sofreu e ofereceu tudo por todos. Dele sobressaía logo a caridade pura e delicada que atraía a reciprocidade, um amor pessoal que deixou uma marca em toda a gente que o conhecia, a profunda relação com Jesus Abandonado feita de silêncios ou de simples olhares, a confiança em Maria como uma mãe à qual dirigia constantes orações enquanto percorria estradas, confiando-lhe tudo. Estava sempre atento às pessoas e aos acontecimentos familiares, à Igreja e aos problemas da sociedade. Na sua vida não faltaram momentos difíceis e dolorosos, provas físicas e espirituais, mas Benedetto tinha aprendido de Chiara o amor preferencial por Jesus Abandonado, escolhido como Esposo da alma. Os três cravos vermelhos que ele quis sobre a sua urna testemunham este casamento. O funeral foi um momento extraordinário: a igreja estava apinhada de gente que veio de toda a Calábria para retribuir o amor recebido e, na homilia da Missa, Benedetto foi definido como «ho-

mem de unidade e de comunhão». Muitos foram os testemunhos sobre ele, apresentados durante a celebração. Eis alguns: «Com Benedetto era natural e imediato passar da conversa habitual a um colóquio profundo». «Deu a Vida, a vida verdadeira, a mim e a muitos outros, com o seu estilo, com o amor com que tratava quem se cruzava com ele». Um jovem disse: «Conheci-o há apenas poucos anos e recordo a sua saudação calorosa, acompanhada do seu lindo sorriso, resultante da alegria de ter encontrado e amado um irmão». Um dos filhos: «O pai deu-me tudo, não podia ter-me dado mais do que me deu. Também eu agora procuro dar tudo na minha vida, como ele me ensinou!». Benedetto, em 1978, escreveu a Chiara: «Jesus gosta de mim, aceita-me como sou e eu quero estar 24 horas disponível para Ele, atento quando Ele bater e quiser entrar e ceiar comigo». E em 1997: «Percebi uma vez mais como tenho de aproveitar todas as ocasiões para amar, não porque tenho alguma coisa de mim para dar, mas para que seja Jesus no meio a fazer sair do meu coração todo o Amor. Sobre o meu nada sinto que construo o Reino de Deus».

Agora pensamos que Benedetto chegou à Mariápolis Celeste para enriquecer a fileira de cristãos plenamente realizados. Com Lia e com toda a sua família, reconhecidos, rezamos por ele.

Rod (Rodrigo) Gorton

Desde o início da Escola Loreto

No dia 14 de novembro Rod (Rodrigo) Gorton, focolarino casado de Loppiano, chegou ao Paraíso, depois de ter caído de uma escada, quando fazia um ato de amor. Nasceu em Massachussets, nos Estados Unidos da América, no ano de 1933 e conheceu o Ideal nos anos 60. Chiara confirmou-lhe o nome *Rod = Providência de Deus*. A sua infância foi marcada pela separação dos pais: «Aos seis anos encontrava-me sem pai e, por causa do ambiente familiar, sem Deus». Tal como a irmã e o irmão, alimentava o desejo de formar uma família boa e sã. Nesta altura, a paixão pela música ajudava-o. Aos 20 anos entrou para a Academia Naval para



se tornar Oficial da Marinha dos Estados Unidos da América. O regulamento previa o dever de participar nas celebrações dominicais numa igreja à sua escolha e foi assim que Rod ouviu pela primeira vez falar de Deus. Surgiram-lhe as primeiras

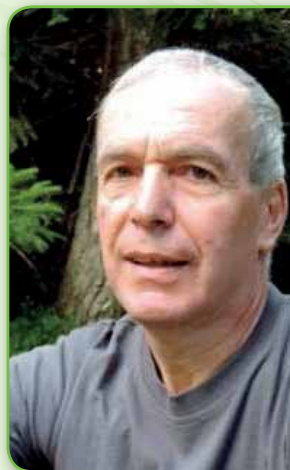
questões e perguntava-se: «São todos loucos? Ou sou eu que estou louco?» Depois de uma procura cheia de dúvidas, deu-se conta que qualquer coisa dentro de si tinha mudado: «Eu acreditava!» Mas depressa descobriu as contradições da nova vida, porque não encontrou pessoas que levassem a sério o Evangelho. Quando se tornou oficial da Marinha começou a viajar pelo mundo. Foi atraído por missionários que foi encontrando nos vários Países e, passados quatro anos, entrou no seminário para ser sacerdote missionário. Na Cidade Nova americana, que encontrou por acaso, leu um escrito de Chiara: «*Se queres conquistar uma cidade para o amor de Cristo... escolhe amigos que tenham os mesmos sentimentos que tu, une-te a eles no nome de Cristo... prometam-se uns aos outros amor perpétuo e constante...*». Era isto que tinha procurado durante toda a vida. Foi a uma Mariápolis e ficou muito tocado pela realidade de família que se experimentava entre todos: «Branços, negros, amarelos, jovens, velhos, ricos, pobres... o Evangelho estava na base de tudo, para todos eles». Em novembro de 1966 já estava em Loppiano, onde durante seis anos fez parte do Gen Rosso, tocando guitarra acústica, trompete e harmónica. «Lá encontrei o cêntuplo em pais, irmãos, casas e conheci melhor o meu Deus: Jesus Abandonado. Ele iluminou todos os porquês da minha vida e n'Ele encontrei a "chave" para formar uma família». Com simplicidade e franqueza Rod doava-se sempre, atentíssimo às necessidades de cada um, características que manteve durante toda a vida. Um dia encontrou Mazia. «Com poucas palavras entendemo-nos; tínhamos ambos a mesma

chamazinha no coração: por Deus, constituir uma família». E escreveu a Chiara: «Porque disse sim primeiramente a Deus, posso dizer sim a Mazia, e tendo dito "Amo-Te" apenas a Jesus, agora posso dizê-lo a ela». Rod e Mazia casaram-se em Janeiro de 1972 no Centro do Movimento, em Rocca di Papa, num encontro de focolarinos casados. Entre as testemunhas do casamento estavam Foco, Spartaco Lucarini e Chiara, que deu à nova família a Palavra de vida: «Amai-vos uns aos outros como eu vos ame!» (Jo 13,34). Frutos deste casamento nasceram Cielo, Clarence, Sara, Peter, Giovanna e Pina. Sempre disponíveis e generosos deram a vida sem medida nos vários aspectos da Cidadela de Loppiano, empenhados sobretudo, desde o início da Escola de Loreto, a acompanhar centenas de famílias. Muitas pessoas foram tocadas pelo amor e pelo estemunho deles. Agora pensamos em Rod na alegria sem fim, com Chiara e com os nossos da Mariápolis Celeste... na certeza que, lá de Cima, continuará a acompanhar Mazia e todos os seus filhos, que tanto amou, assim como a Obra a caminho do *ut omnes*.

Pierre Llambi

Delicado e forte

Focolarino casado da França, Pierre partiu para a Mariápolis celeste no dia 20 de novembro, com 59 anos de idade. As circunstâncias da sua morte são particularmente difíceis para a sua mulher Odile, também focolarina, para os cinco filhos e para todos da Obra. Desde há alguns anos que não estava bem e atravessava períodos muito difíceis, com momentos de uma angústia muito forte. Num desses momentos atentou contra a própria vida, tendo sido encontrado por uma equipa de pronto socorro a 15 quilómetros da Mariápolis permanente de Arny, próximo de Paris. Transportado para o hospital, morreu poucas horas depois. Pierre conheceu o Ideal em 1975 por intermédio de um



capelão, quando estava no serviço militar, e depois deu-o a conhecer também a Odile. Pessoa discreta e de poucas palavras, honesto diante de Deus, trabalhou no organismo nacional para a proteção das florestas. Como se tinha reformado há pouco tempo, ele e Odile decidiram passar algum tempo na Mariápolis permanente da França, tendo chegado em setembro. Pierre sabia fazer muitos trabalhos de mãos e foi por isso uma providência para os membros da Obra dali e para as pessoas que vinham de passagem. No focolar, especialmente em Lyon, todos o recordam como uma pessoa ativa na vida de unidade. Sedento de verdade, não hesitava em exprimir uma opinião diferente se constatava incoerências, mas fazia-o sempre de modo construtivo e com humildade. Muito chegado às pessoas sós ou com dificuldades, sabia encontrar as palavras e os gestos para fazer sentir a sua presença fraterna e o seu coração ardia pelos «feridos da vida». Como muitos testemunharam, era um modelo de escuta e de amor concreto.

Muita gente ficava tocada pelo amor entre Odile e Pierre. Quantas famílias e jovens casais expressaram gratidão para com eles! Durante alguns anos foram responsáveis pelas Famílias Novas do sul da França. Anna e Alberto Friso, responsáveis por Famílias Novas no Centro da Obra e que os conheceram bem, descrevem-no assim: «Para nós, será testemunha de um amor delicado e forte, uma pessoa que nunca se poupava, que pensava nos outros e que sabia compreender todos».

Em 1987, durante a escola de focolarinos casados escreveu a Chiara: «Tudo me pareceu novo, esplêndido. A presença de Jesus no meio parece-me um presente precioso que Jesus nos dá para alcançar a unidade na nossa família e no focolar». Nestes últimos dias, Odile e os filhos, embora sofrendo muito, estão a experimentar uma nova paz. «Através de tantas mensagens e dos testemunhos que me chegam – escreveu Odile – sinto o amor de toda a família da Obra por mim e isso é enorme».

Respeitando o mistério da sua partida e unidos no amor a Jesus Abandonado, rezemos por Pierre e peçamos a Deus, que conhece o profundo do seu coração, para o receber no Reino do Amor infinito. Confiemos a Maria, Mãe da Obra, também Odile e toda a família.

Pe. Alfredo Dinis

“Vive-se como no Céu”

No passado dia 22 de setembro, aos 61 anos de idade, partiu para a Mariápolis Celeste o P. Alfredo Dinis. Sofria de leucemia, desde há cerca de um ano, tendo vivido a dolorosa doença com total confiança no amor de Deus e de Maria.

Sacerdote jesuíta encontrou no carisma de Chiara a luz que une e potencia os carismas antigos e novos. Considerava-se um feliz por ter encontrado na sua vida dois pais espirituais, Inácio de Loyola e Chiara Lubich. Foi nestes últimos anos o responsável pelo ramo dos religiosos no conselho nacional da Obra de Maria, promovendo e dinamizando encontros nacionais e regionais de religiosos e consagrados de várias congregações.

Era um grande entusiasta das cidadelas, pois sentia que nelas se vive como no Céu. Um dia, na Cidadela Arco-Íris, disse: «... aqui começa-se a viver já na Terra como se vive no Céu, que é a vida do amor recíproco. Por isso, vir aqui significa vir ao Céu».

Era professor na Faculdade de Filosofia de Braga, uma das áreas de preferência nos seus estudos era a relação entre a fé e a ciência, tendo participado ativamente em discussões e debates, também nas Mariápolis e em congressos gen.

Foi uma pessoa que marcou muita gente com o seu sorriso, com a sua inteligência iluminada pela sabedoria e lucidez de pensamento assim como pelos relacionamentos sinceros e honestos que estabeleceu com os não-crentes. Estimulou o debate com pessoas sem fé (sobretudo na “blogosfera”), numa atitude de abertura e compreensão, sem qualquer pretensão de os fazer mudar de convicção.

No Pe. Alfredo Dinis, a vida e o pensamento sobre as fronteiras do conhecimento do universo e da relação deste com Deus eram uma coisa só.

Num dos seus últimos pensamentos dizia:

«Procurei como filósofo compreender o mundo. Estranhamente, sinto que o mundo tem um lado incompreensível. O mundo talvez exista não para ser compreendido, mas para ser amado!» (Alfredo Dinis)

Tobé Oliveira



p. Antonio García

Uma doação alegre

Sacerdote voluntário de Granada (Espanha) foi ordenado em 1969 e, em toda a parte, nas várias funções paroquiais, manifestou a sua generosidade, numa doação alegre e cheia de entusiasmo.

Era muito ativo entre os jovens, que seguia com diligência e profundidade. Para saudar alguns deles, foi a uma Mariápolis. Ficou tão tocado pela descoberta de Jesus Abandonado, que mudou o programa para poder ficar até ao fim. Começou a viver a espiritualidade em Huértor-Tájar, onde deu início ao Movimento paroquial, com diversas vocações à Obra. Sabia como colocar-se ao serviço da unidade entre os sacerdotes, não só com o seu núcleo, mas também com todos os que conhecia. Era neste estado de alma que aceitava

sempre os seus vários destinos: Granada, la Zubia, etc., onde apoiou também outros Movimentos, como as Equipas de Nossa Senhora e os Neocatecumenais.

Nos últimos anos viveu com uma longa e dolorosa doença, confiando a sua vida nas mãos de Maria Desolada. Alguns dias antes da sua partida para a Mariápolis celeste, o seu Bispo foi visitá-lo e, agradecido, disse: «Como se sente que conheceu o Movimento dos Focolares! Viveu a doença em comunhão com os irmãos». Deixou-nos no dia 21 de abril e temos a certeza que Jesus o recebeu no seio do Pai.

Toni Torres



Fernando Licheri

«Entre mim e Deus só há amor»

Fernando, voluntário da Sardenha (zona de Roma) foi dos primeiros a conhecer e a levar o Ideal na ilha. Recordamo-lo um ano após a sua «partida» que ocorreu no dia 10 de novembro de 2012, com 87 anos de idade. Conheceu o Ideal em Roma, em 1951, através de Giulio Marchesi e Enzo Maria Fondi. Abraçou com entusiasmo a nova vida, participou nas primeiras Mariápolis permanecendo sempre em contacto com Chiara que, numa carta escrita em 1953, lhe deu o nome de «*Fernandino de Jesus Abandonado*».

Foi diretor do Centro de Processamento de Dados da Região da Sardenha, presidente da Câmara por três mandatos e o primeiro Presidente da Autoridade de Saúde Local de Ghilarza, a sua terra natal. Cargos que desempenhou encarnando o estilo de Humanidade Nova, da qual foi um dos primeiríssimos animadores, e convidando Domenico Mangano – com quem criou uma bela amizade – a ir à Sardenha várias vezes. Pôs em primeiro lugar o empenho de trabalhar para o Reino de Deus. Para ter mais tempo e energias para dedicar à difusão do Ideal, não hesitou em



antecipar a reforma, renunciando a melhores condições económicas. Fernando foi uma testemunha viva: dirigente ao mais alto nível, dotado de uma cultura vasta e profunda, soube fazer-se nada para se fazer um com todos, sobretudo com os mais pequenos e os últimos.

O seu amor pelos jovens era grande. Transmitia-lhes o amor pelo Ideal e a paixão pela política: a primeira Escola do Movimento Político para a Unidade, na Sardenha, teve início com encontros em casa de Fernando e Maria, a sua mulher, também voluntária.

Viveu os últimos cinco anos sempre cada vez mais limitado por uma longa e dolorosa doença que, paralisando-lhe o corpo, ao mesmo tempo, lhe refinou o espírito, permitindo-lhe uma total identificação com Jesus Abandonado e evidenciando a heroicidade das suas virtudes. Emmaus, na visita que lhe fez, por ocasião do 60º aniversário do Movimento na Sardenha, encontrou-o disposto a oferecer as últimas forças e agradecido a Deus e aos irmãos por tudo quanto lhe tinha sido permitido viver. Nos últimos tempos costumava dizer: «Entre mim e Deus só existe o amor».

Claudio Battistutti

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: a **mãe de Ilona**, focolarina no Centro Mariápolis de Castelgandolfo e de **Palko Toth**, focolarino casado em Budapest; **Rosa, irmã da Maria Helena (Milene) Benjamim**, resp. foc. em Coimbra (Portugal); **Gertrud, mãe de Albert Dreston**, focolarino em Loppiano; **Italia, irmã de Cristina Russo**, focolarina em Loppiano; **Jaime, pai de Maria Cobo Velez**, focolarina do Gen Verde; **Colombe, mãe de Pascal Pontien Ntawuyankira**, focolarino em Douala; **Maria da Glória, mãe de Jorge Resende**, focolarino no Porto (Portugal); **Mario, pai de Mario Dias Feio**, focolarino em Belém (Brasil); **Eduardo, irmão de Maria del Carmen (Neldi) Betoño**, focolarina no Chile; **Marynice da Conceição, mãe de Mariana Botelho**, focolarina em Atlanta (EUA); **Carlos, irmão de Fernando (Lucio) Rossi**, focolarino em Porto Alegre; **Lorenzo, irmão de Angiolino Lucchetti**, focolarino em Roma; **Tommy, pai de Jean UiBhroin**, focolarina casada de Belfast (Irlanda) e de **Ita Ling**, focolarina na Mariápolis celeste; **Vicencia, mãe de Cremilda (Seli) Ferreira Loz**, focolarina em Salvador (zona de Recife); **Hélène, irmã de Michel Pochet**, focolarino na Mariápolis romana; **Antonia, mãe de Marie Gimenez**, focolarina em Lyon e **Mared**, focolarina em Marselha; **Bonifacia, mãe de José Luis Romero**, focolarino em Madrid; **Carmenchu, mãe de Iñaki Guerrero**, focolarino em Bilbao (Espanha); **Aurora, mãe de Stella Maris Fernandez**, focolarina em Paraná (Rosário); **Lucile, voluntária, mãe de Alex Garel**, focolarino em Nantes; **João, pai de Joelma Regis**, focolarina no Centro Zona de Dallas (EUA), de **Genidalva**, focolarina no Centro Mariápolis Arnold (Brasil) e de **Miriam** (da Metalsul-Edc); **Amelia, mãe de Pina e Giovanna Ceriello**, focolarinas no Centro Mariápolis de Benevento; O **irmão de Idalina Cruz**, focolarina cas. da Cidadela Arco-íris: **Maria, mãe de Emília (Mila) Martins**, do c.z. de Portugal.

Palavras de Vida de 2014

Janeiro | «Cristo, único fundamento da Igreja» (cf *1 Cor 3,11*).

Fevereiro | «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (*Mt 5,8*).

Março | «Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor» (*Jo 15,10*).

Abril | «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (*Jo 13,34*).

Maiο | «Em nome de Cristo, suplicamos-vos: reconciliai-vos com Deus» (*2 Cor 5,20*).

Junho | «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mt 28,20*).

Julho | «Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está no Céu. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (*Mt 18,19-20*).

Agosto | «Perdoa ao teu próximo o mal que te fez, e os teus pecados, se o pedires na tua oração, serão perdoados» (*Sir 28,2*).

Setembro | «Acolhei-vos uns aos outros, na medida em que também Cristo vos acolheu, para glória de Deus» (*Rm 15,7*).

Outubro | «Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede» (*Jo 6,35*).

Novembro | «Em ti está a fonte da vida» [*Sal 36 (35),10*].

Dezembro | «Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos faça o mesmo» (*Lc 3,11*).

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Janeiro de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

70º ANIVERSÁRIO do Movimento celebrado em Portugal



Além da festa conjunta e antecipada com a Emmaus e o mundo inteiro, através da conferência pela internet, no dia 30 de Novembro, por todo o país se celebrou este dia, recordando o 'sim' de Chiara e renovando o nosso compromisso de viver o Ideal da Unidade e levá-lo a muitos outros.

Vamos focar as ilhas.

No Funchal, esta ligação foi recebida com a presença da Teresa, que foi visitar a comunidade da **Madeira** e levar as notícias do último encontro dos delegados, em Roma. Também aqui, à semelhança do que acontecera no continente, sentiram a exigência de não ser simples vagões de um comboio, mas – como nos dizia Chiara – ser locomotivas com ela,

De Trento para o Mundo 70 anos com Chiara

Tudo começou no dia 7 de Dezembro de 1943 em Trento.
Venha celebrar connosco este acontecimento.

Sábado - 7 Dezembro
16h00 no Centro Pio XII em Ponta Delgada

Organização: Rosa F. Gonçalves
Telefone: 912 948 234 | 912 940 282 | kassia@omm@gmail.com

para que muitos outros vagões sejam atrelados e levados até ao Paraíso que Deus nos preparou.

Em Ponta Delgada, nos **Açores**, a comunidade reuniu-se para a festa, renovando o pacto do amor recíproco na celebração da missa.

